



**Bá, que show**  
Ivan Mattos  
jornalista

## A arte de **Lou**

*"A arte existe porque a vida não basta."*

Ferreira Gullar



A vida da artista plástica Elizethe Borghetti parece se basear neste conceito. Talvez venha daí a sua expressividade que extravasa qualquer rótulo. Ela é viva, criativa, colorida, usa um bindi indiano no centro da testa, nada nela é convencional. Sua voz é uma marca registrada. Quem a conhece sabe como é bom ouvi-la falar. Sobre qualquer assunto, principalmente sobre arte. Foi através da arte que cresceu, se informou e se moldou. Ela precisa se expressar, seja falando, pintando, criando, escrevendo, lecionando ou, simplesmente, sendo Elizethe, Liz, Elizethe Helena Cantali Borghetti ou Lou Borghetti. Quem é Lou Borghetti? É ela também. O seu heterônimo, digamos assim. Apelido que ganhou do segundo companheiro, José Carlos Teixeira da Silveira. Era uma personagem contemporânea de Freud: Lou Andreas-Salomé, uma mulher brilhante que convivia com cabeças geniais de sua época.

Adentrar a casa/atelier de Lou tem o efeito de cair no poço sem fundo de Alice no País das Maravilhas. Há livros por todos os lados, uma imensa televisão com internet sempre ligada no YouTube tocando só música boa, quadros seus pelas paredes, estantes, objetos de arte, coisas, muitas coisas. E um retrato seu pintado por Iberê Camargo, seu mestre. Para um atelier, tem um chão limpíssimo, sem um pingote de tinta. Caprichos de uma capricorniana exigente e atenta. Ela precisa estar assim, rodeada de certa ordem, para criar.

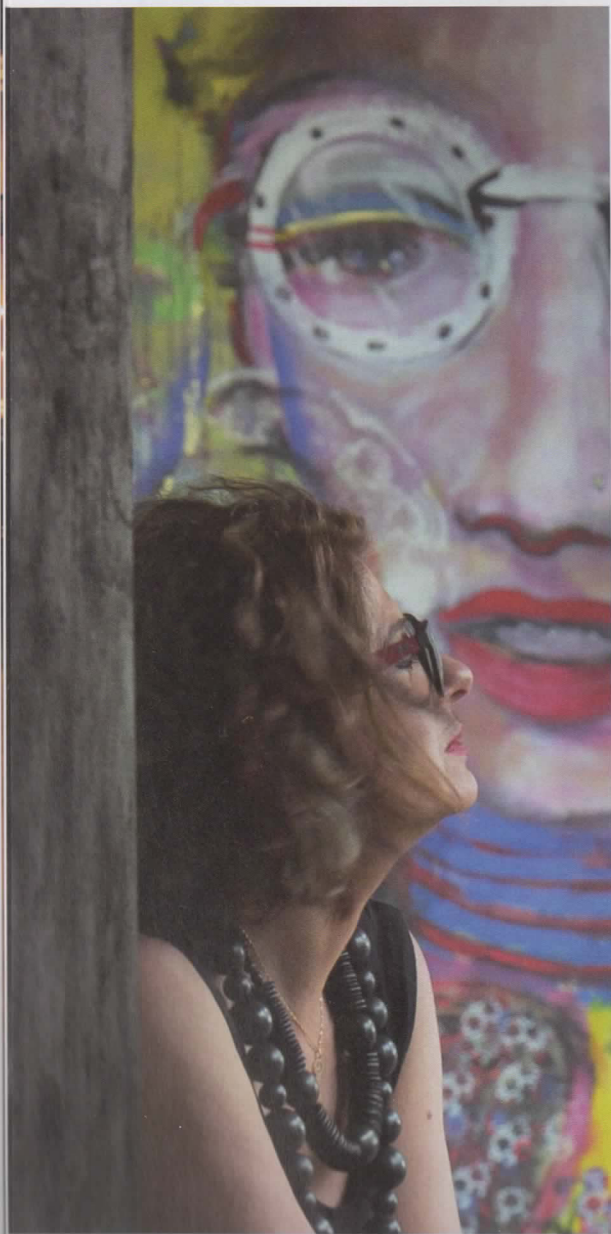
Logo que cheguei, fiz um tour comigo pela casa recém-reformada. Ela precisa de horizontes. E de discos, livros e DVDs. E de uma cozinha grande para receber os amigos enquanto prepara suas receitas. Pergunto de onde vêm tanta imaginação, tanta cor, tantos quadros. Ela me conta que é encantada por cores e formas



desde a infância. Herdou o nome da cantora predileta do pai, quase se chamou Soraya devido à primeira esposa do Xá Reza Pahlevi, um ícone de beleza da época. “Muito melhor, prefiro Elizethe”, ela confessa.

Como entrou a arte na vida dela? “A primeira coisa que eu pensei foi em ser pianista, gosto de música, mas não havia aulas públicas na época e não tínhamos dinheiro para particulares. As artes visuais entraram pela facilidade. Não é preciso muita coisa no primeiro momento. Comecei pintando camisetas e lenços que vendia no táxi do meu pai”. Filha de pai motorista, primeiro de caminhão, depois de táxi, e mãe costureira, Lou foi à luta cedo. Primogênita nascida em Chapada – tem três irmãos homens –, ela se confessa desinibida. Ordem cronológica é coisa que não importa muito para Lou, que vai e volta em sua história de maneira cativante. “Nasci em Chapada. Morei em Carazinho até os sete anos, quando vim para Porto Alegre, com meus pais e meus irmãos”.

Alguns encontros foram decisivos em sua vida. Primeiro, com seu analista. “Fiz anos de análise e conheci o José Carlos Teixeira da Silveira, que foi meu companheiro por sete anos. Fui me analisar com ele, e na quinta sessão aconteceu o que lemos em livros. Ele me disse que não poderíamos seguir porque ele estava emocionalmente vinculado a mim. Nos tornamos amigos e começamos a namorar”. Outro encontro foi com um pintor famoso que conheceu casualmente: “Conheci Iberê Camargo em 1980. Não conhecia a sua pintura. Passei na galeria e deparei com uma tela grande, escura e muito dramática. Pensei: ‘Não gosto, vou embora’. Andei uns metros, voltei. Parei novamente. Olhando a tela pelo vidro, eu pensava: ‘Como alguém pode pensar algo assim, pintar assim, eu não teria esta tela em minha casa, ou teria?’. Entrei, perguntei:



'Quem é o pintor?'. E um senhor alto e gentil se aproximou e disse: 'Sou eu'. 'Ah, desculpe, eu posso ser franca? Não gosto da sua pintura, me aflige'. E ele disse, atencioso: 'Nem eu, acabo de encontrar uma pessoa sincera'. Com o tempo, tornou-se assistente do mestre. "Ele me dava aulas de desenho a partir do Goya. Eu adoro arte comparada, então fiz um paralelo entre ele e Goya, que ficou genial. Eu tive quatro mestres absolutamente importantes na minha vida. Plínio Bernhardt, que foi meu professor de desenho de figura humana. Danúbio Gonçalves, que me ensinava aquarela e gravura lito. Eu fiz aula com a Fayga Ostrower, no Rio de Janeiro, e a Renina Katz, as duas de gravura. E o Iberê Camargo de pintura. E de vida também". São cinco, né, Lou? Estudou ainda com Fernando Baril e Katie Van Scherpenberg. Frequentou o Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre entre 1973 e 1980, onde estudou entalhe com Anestor Tavares e escultura com Claudio Martins Costa. E fez a oficina de Marco Túlio Resende, em Belo Horizonte. Realizou workshop de aquarela na Universidade de Belas Artes de Sevilha e de Florença. Assim, a arte entrou definitivamente em sua vida.

A maternidade foi uma experiência fundamental para ela. "Minha filha tinha oito anos quando eu me separei, e foi uma separação muito dolorosa, como todas são. Difícil, complexa e doída. Eu só tinha um medo, de não poder dar a melhor educação para a minha filha. Se eu não pude ter, em muitos momentos, eu queria que ela tivesse. O maior luxo da minha vida foi ter dado a melhor educação para a minha filha. Ela ter se formado brilhantemente e eu ter feito a festa de formatura. Com dinheiro advindo da pintura. Esse foi o maior luxo da minha vida e segue sendo. Não tem nada de que eu fique mais vaidosa do que disso".

Lou adora ler, principalmente os clás-

sicos. Em sua biblioteca, tem quase 2 mil livros, cujo foco principal é arte, mas tem filosofia, biografia de artistas e muitos livros da Anais Nin, da Lou Andreas-Salomé. Atualmente, está viciada em audiolivros, que permitem que ela conheça obras que sempre quis ler, mas não tinha tempo de se dedicar. A última empreitada foi ouvir durante sete horas seguidas O Inferno, de Dante, que recomenda como "a coisa mais linda que eu vi na minha vida". E comenta: "E eu acho que a Lava-Jato já existia naquela época, porque é igual. O que ele diz é impressionante, ele fala da corrupção o tempo inteiro, que os corruptos estão quase encostando lá com o diabo. Eu fiquei numa faceirice de escutar isso, porque é um livro difícil de ler, e a audição é tão boa".

Outra de suas paixões são as aulas de pintura que ministra há 28 anos. "Uma das coisas mais importantes da minha vida são meus alunos. Todo artista gosta de ensinar, de dividir sua arte. Tenho que ter uma segunda opção para não pressionar a venda e diminuir o valor do quadro, tornar comercial demais. Tu aprendes muito ensinando. Sou muito apaixonada e vivo disso, preciso liberar a minha pintura, eu preciso de alunos. Se não tiver alunos, eu vou sofrer". De onde vem um quadro? "Ninguém sabe. Está no Cosmos. Eu trabalho a memória. São memórias de infância, e nessa memória há todos os espaços possíveis de paisagens e de escalas diferentes entre as coisas. Começo sem ter a menor ideia, nem de cor. Eu mais ou menos planejo, mas quem manda em mim é o quadro. É um embate terrível. Entre colocar a tinta no pincel e levar até a tela. Às vezes, na tela, o resultado não é bem aquilo. Aí tu tentas outra cor. É erro e acerto o tempo inteiro. Essa dor é presente, e prazerosa", arremata com aqueles olhos enormes e vivos que parecem conter toda a paleta de cores. As cores de Lou Borghetti.



POR  
MARIANA BERTOLUCCI

# 1

# 3

## ROBERTO D'AVILA

Um dos maiores jornalistas  
brasileiros conta suas histórias de  
paixão pela comunicação, pelas  
pessoas e pela vida

**CLAUDIA TADEU**

Em volta da Wesa

**LETÍCIA WIERZCHOWSKI**

Por Ranieri Rizza e Liane Neves

**FLAVIO MANSUR**

A movimentação de Pelotas